

Entre limites: A constituição das fronteiras franco-espanhola e *cimarrón* na ilha de Santo Domingo

ELISANGELA MENDES QUEIROZ¹

Marco fundador do domínio espanhol sobre o Novo Mundo, a ilha de Santo Domingo ou Espanhola passou, no início do século XVII, por um processo de despovoamento das cidades ao norte e a oeste de seu território que mergulhou a colônia espanhola num estado de extrema miséria e vulnerabilidade. Estado este que, associado à presença ostensiva de demais nações européias nos mares do Caribe em busca de sua parcela das Antilhas, acabou por propiciar o estabelecimento dos franceses na parte ocidental da ilha que seria convertida na colônia de Saint Domingue em 1665, quando Bertrand d'Ogeron foi designado governador da nova possessão francesa.

Ainda que a fundação de Saint Domingue tenha resultado em relações tensas entre os habitantes dos dois lados da ilha, os colonos de ambas as nações coexistiram relativamente em paz atendendo mutuamente suas necessidades. Enquanto os franceses se dedicavam basicamente à agricultura, os espanhóis criavam gado gerando, a partir das trocas estabelecidas entre eles no século XVII, um comércio ativo, embora ilegal, que deu novo fôlego a decadente economia de Santo Domingo.

No entanto, este convívio em certa medida amistoso entre os colonos não encontrava correspondência nas relações oficiais entre as duas colônias. No momento mesmo em que Bertrand d'Ogeron desembarcou na ilha teve início as disputas, principalmente, sobre o domínio territorial, o controle do contrabando e a posse dos escravos foragidos. O único ponto consensual entre as duas administrações era o combate aos negros *cimarrones* que, durante todo o período que subsistiu a escravidão na ilha de Espanhola, causaram grande dor de cabeça às autoridades coloniais.

¹ Aluna do Programa de Pós-Graduação em História Social do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Sob a orientação da Professora Doutora Maria Cristina Cortez Wissenbach e com o financiamento do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, desenvolve, atualmente, a dissertação de mestrado denominada “Ao sul da fronteira *cimarrón*: O processo de redução dos negros do *maniel* de Neiba na Ilha de Santo Domingo (1782-1795)”.

Buscamos nesse texto examinar brevemente como o relacionamento conflituoso entre espanhóis, franceses e *cimarrones* repercutiu na constituição territorial da ilha de Santo Domingo. Apresentamos, inicialmente, o processo de formação da fronteira franco-hispânica desde o estabelecimento da colônia de Saint Domingue em 1665 até a assinatura do Tratado de Limites em 1777. Em seguida, damos especial atenção a Serra do Baoruco ao sul da ilha de Española, região de fronteira entre as duas colônias onde os negros *cimarrones* formaram um território próprio.

Processo de constituição da fronteira franco-espanhola na ilha de Santo Domingo

Desde o início da presença espanhola até as décadas finais do século XVI, a economia de Santo Domingo era baseada na exploração do ouro e na produção de açúcar. Com declinar destas atividades a criação de gado se tornou a principal atividade econômica da ilha. A comercialização do couro, por sua vez, passou a compor parte significativa das exportações da colônia para a metrópole, além de manter um lucrativo tráfico ilegal realizado entre colonos e corsários de diferentes nações européias². As benesses desse contrabando recaiam, especialmente, sobre as cidades no oeste e norte da ilha, distantes dos olhos das autoridades coloniais e na rota dos navios que adentravam o Caribe.

Em princípios do século XVII, com o intuito de coibir essas relações comerciais ilícitas que prejudicavam o domínio espanhol no Novo Mundo, o Conselho das Índias determinou a transferência das cidades da costa oeste e norte da ilha para áreas próximas da cidade de Santo Domingo, onde estava localizado o centro administrativo da colônia. O traslado dos povoados foi um verdadeiro fracasso. Muitos colonos preferiram ir para Cuba e aqueles que acataram a ordem real perderam na viagem grande parte de seus escravos e gado. As cidades fundadas ao sul da ilha não

² “El negocio de la ganadería se basó sustancialmente en la exportación regular y controlada de cueros a España, así como en el contrabando de estos con corsarios de varias naciones europeas. Ahora bien, los precios establecidos por la Casa de Contratación, de diez pesos por piel, eran muy inferiores a los ofrecidos por los dichos corsarios, mientras, por otra parte, las mercancías importadas de la península tenían un costo muy elevado a causa de la inflación que puso los precios de las mismas a la cabeza de Europa. Esas mercancías no sólo costaban caras, sino que apenas llegaban a isla y, por lo tanto, eran suplidas por los corsarios a cambio de cueros, azúcar, cañafístula y otros productos”. DEIVE, Carlos Esteban. *Los guerrilleros negros...*, p.60.

prosperaram e o número de colonos diminuiu significativamente. Deste momento em diante, Santo Domingo submergiu em profunda prostração socioeconômica³.

O estado de extrema miséria e vulnerabilidade em que se encontrava a colônia espanhola nas primeiras décadas do século XVII acabou por facilitar o estabelecimento de indivíduos das mais diversas nacionalidades nas terras recém despovoadas. Em 1629, alguns franceses aportaram na ilha de Tortuga a poucos quilômetros da costa noroeste de Española e, associados a escravos fugitivos e aventureiros de distintas classes e procedências, deram origem à sociedade de filibusteiros que assolou o Caribe durante anos. Partindo de Tortuga, os piratas, em sua maioria franceses, iniciaram a ocupação da parte ocidental da ilha de Santo Domingo. Já a colonização formal desta região só viria a se efetivar depois de 1665, quando Bertrand d'Ogeron foi designado governador da nova possessão francesa⁴. Embora os ingleses não tenham tido mesmo sucesso, a malsucedida tentativa de ocupação das Antilhas a partir da conquista de Santo Domingo arquitetada Oliver Cromwell causou grandes transtornos aos espanhóis tornando ainda mais catastrófica a situação da colônia na década de 1660⁵.

Inegavelmente, a fundação de Saint Domingue deu novo fôlego à decadente economia de Santo Domingo com a instauração de um comércio ativo, embora ilegal, entre as duas colônias⁶. Contudo, no momento mesmo em que os franceses

³ HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Manuel. *La colonización de la frontera dominicana (1680-1795)*..., p.20.

⁴ “French government authority, soon after its arrival in Saint Domingue in the 1660s, adopted policies decidedly opposed to piracy. Safety of trade on the high seas required that marauding be suppressed, and the development of a superior royal navy in the eighteenth century greatly diminished any military need for pirates. Formal colonization likewise proceeded at the expense of the pirates. Everywhere, colonial society and the forces of law and order pressed in on the pirates. Some pirates became small farmers, and melted into the lower orders of white society. Others turned into boatmen (*caboteurs*) who moved goods and people along the coast; still others became salt workers mining salt along tidal shores and rivers banks in several places in Saint Domingue”. McCLELLAN III, James E. *Colonial and science*..., p.36.

⁵ “A mediados de 1654 Oliver Cromwell, Lord Protector de Inglaterra, traza un vasto plan de ocupación de las Islas Antillas, cuyo centro de operación sería Santo Domingo. Envía contra ella una poderosa flota naval. Estuvo a punto de caer en manos británicas, pero el plan se frustra. Tras varios reveses, se dirigen hacia Jamaica que fue ocupada con facilidad. Este hecho fue un serio toque de atención sobre los riesgos que se estaban desarrollando en el área caribeña por su grave despoblación. [...]. La situación era catastrófica en la década de los 60 con las viruelas, las pestes, las plagas sobre los cacaoteros, que supusieron su hundimiento como sector económico de exportación, y sobre los conuscos de yuca y plátano, un ciclón y un terremoto que sumió a la población en un estado de miseria calamitoso, que llevó incluso a una parte de éste hacia la emigración”. HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, op.cit., p.21.

⁶ “[Los dos grupos de colonos] no tardaron mucho en darse cuenta de que sus intereses podían complementarse. El Santo Domingo español carecía de una serie de manufacturas que su Metrópoli no podía proporcionarle. Por otro lado, a los franceses les faltaba el ganado preciso para su alimentación

oficializaram sua presença na ilha teve início as disputas acerca, principalmente, do domínio territorial, do controle do contrabando e da posse dos escravos foragidos. Com o tempo, essas tensões deram lugar a todo um complexo emaranhado de negociações que envolveu as autoridades colônias espanholas e francesas, cujo resultado dependeu da conjuntura político-econômica mundial que moldou as relações das colônias com suas respectivas metrópoles e destas últimas entre si.

Em 1678, com a assinatura da Paz de Nimegue entre Espanha, França e os Países Baixos, os colonos espanhóis e franceses começaram a discutir soluções para seus problemas. Enquanto os primeiros buscavam, sobretudo, conter os avanços franceses sobre território espanhol, os segundos tinham como principal objetivo recuperar os escravos que fugiam para a colônia vizinha⁷. Porém, com a ruptura desta paz em 1683 e as subsequentes guerras entre Espanha e França a situação mudou radicalmente até 1697. Neste ano, com a assinatura do Tratado de Ryswick, o soberano espanhol permitiu que os franceses ocupassem a parte ocidental da ilha. Para alguns historiadores, com o Tratado de Ryswick a coroa francesa obteve do rei espanhol a cessão da parte da ilha ocupada por seus súditos. Contudo, Maria Rosário Sevilla Soller chama a atenção para o fato de que tal cessão nunca existiu, se a ocupação francesa se manteve foi somente devido à tolerância ou à fraqueza das autoridades espanholas, mas nunca esteve apoiada em nenhum título legal⁸.

Aproveitando-se dessa tolerância e da falta de vigilância na fronteira, os franceses avançaram cada vez mais sobre o território espanhol expandindo sua produção

y para los trabajos agrícolas, de modo que, *a partir de 1681, empezó a desarrollarse un activo comercio de caballos, carne salada, y cueros de vaca, a cambio de mercancías europeas llegadas en barcos franceses*". SOLER, Maria Rosário Sevilla. *Santo Domingo tierra de frontera (1750-1800)*..., p.342.

⁷ No que se refere à atração exercida pelos colonos espanhóis sobre os escravos franceses, Carlos Esteban Deive observa que: "[...]. La predilección de los esclavos de Saint Domingue por la Española no puede ser entendida como un atractivo explicable por la dulzura del trato español y la ausencia de prejuicios de clase y raciales. La formación social esclavista de la colonia española tuvo siempre, como en otras partes de América, un carácter señaladamente classista. Si ese carácter disminuyó su severidad a partir del siglo XVII se debió, simple y llanamente, a las peculiaridades propias del sistema en esa época, muy distintas a las que prevalecieron durante la etapa de la economía de plantación, cuyas relaciones sociales fueron sumamente rígidas e inflexibles. La apelación a la bondad o dulzura de tales o cuales amos, así como las distinciones que se han querido establecer en el comportamiento de españoles, ingleses o franceses carecen de validez, pues el esclavo no pasaba de ser para todos ellos un factor de producción sobre el cual basaban sus riquezas y, por tanto, sus intereses no eran filantrópicos ni malignos, sino económicos". DEIVE, op.cit., p.135.

⁸ SOLER, Maria Rosário Sevilla. "Santo Domingo, Frontera Franco-Española: Consecuencias de la Presencia Francesa en la Isla Española"..., p.165.

agrícola — baseada, principalmente, no açúcar, café, índigo e algodão — que, ao longo do século XVIII, converteu Saint Domingue na colônia mais próspera do mundo⁹. Enquanto aumentavam os enfrentamentos entre colonos na região fronteira, as autoridades coloniais tentavam chegar a uma boa solução para o problema territorial, mas como não havia nenhum título legal que reconhecesse a posse do ocidente da ilha como sendo da França a validade dos acordos estabelecidos na colônia dependia do bom relacionamento entre as duas coroas.

Com a Paz de Utrecht, que pôs fim à guerra de sucessão espanhola com a ascensão da Casa de Bourbon ao trono, a Espanha se aproximou da França para, entre outros interesses, proteger suas possessões ultramarinas ameaçadas pela ambição inglesa por terras no Novo Mundo. Em Real Cédula de 23 de junho de 1702, o governador de Santo Domingo era informado que deveria manter boas relações com a colônia vizinha para proteger a ilha dos possíveis ataques britânicos¹⁰. Com isso, teve início em Espanhola uma política de boa vizinhança que levou a novas tentativas de se pôr fim aos conflitos fronteiriços. No entanto, a desenfreada expansão francesa fez com que as autoridades coloniais espanholas tomassem medidas de contenção. Assim, ao longo da primeira metade do século XVIII foram construídos postos de guarda nas regiões de fronteira: ao norte nas cercanias de Dajabón (1727); no centro próximo de Mirabelais (1736); e ao sul às margens do rio Mulito, conhecido ainda como Pedernales ou Anse-à-Pitre (1741)¹¹.

⁹ McCLELLAN III, op.cit., p.63.

¹⁰ Real Cédula dirigida al gobernador de Santo Domingo, ordenándole el establecimiento de la buena armonía con los franceses. Madrid, 23 de junio de 1702. AGI - Santo Domingo 303 apud SOLER, Maria Rosário Sevilla. “Santo Domingo, Frontera Franco-Española: Consecuencias de la Presencia Francesa en la Isla Española”..., p.165.

¹¹ SOLER, Maria Rosário Sevilla. *Santo Domingo tierra de frontera...*, p.345.



Atenta ao perigo que representava o contínuo crescimento da colônia de Saint Domingue, a coroa espanhola determinou, em 1759, a expulsão dos franceses da ilha¹². Mas tal medida extrema teve pouca repercussão em Santo Domingo, resultando, somente, na intensificação da vigilância da região fronteiriça, pois:

“La realidad es que la política oficial era muy diferente al espíritu de convivência que lógicamente, tenía que imponerse entre los colonos de ambas naciones. [...] que no tardaron mucho en darse conta de que la coexistencia pacífica sólo traería beneficios para todos. Las relaciones comerciales, aunque oficialmente prohibidas, eran cada vez más intensas, sobre todo por lo que se refiere al tráfico ganadero. [...]. La tranquilidad em la frontera era fundamental para el buen desarrollo de este comercio, em el que los colonos españoles, e incluso las mismas autoridades, estaban interesadas, y que casi siempre favorecieron, por lo que difícilmente podia convenir el alejamento de los franceses, aunque desde luego los españoles estuvieron em conta de un avance progresivo de aquéllos hacia la parte oriental de la isla”¹³.

¹² “Aunque em el año de mili setecientos y treze, se pasaron avisos a la corte de Franzia, para que los franceses se contubiesen em el terreno que ocupaban em esa ysla em el tiempo de guerra, no a agradecido efecto alguno esta diligenzia, ni los demás médios suaves aplicados hasta aora, u antes vien, se reconoce intentan no sólo mantenerse em país que em esa ysla han ocupado indeuidamente sino extenderse em perjuicio de mi real Corona, he resuelto que les oblique con las fuerzas y que les desamparen, y em su consecuencia, os ordeno deis las providencias nezarias para que se pase a desalojar a los franceses, assí de lo que nuevamente han ocupado em esa ysla, como de todo el terreno que tienen em ella, pues lo que poseen es con usurpación violenta, y sin derechos alguno”. Real Cédula dirigida al gobernador de Santo Domingo, ordenándole la expulsión de los franceses de toda la isla. Buen Retiro, 12 de septiembre de 1759. AGI - Santo Domingo 303 apud SOLER, Maria Rosário Sevilla. “Santo Domingo, Frontera Franco-Española: Consecuencias de la Presencia Francesa em la Isla Española”..., p.166.

¹³ SOLER, Maria Rosário Sevilla. *Santo Domingo tierra de frontera...*, p.347.

Esse descompasso entre a política oficial espanhola e a realidade das relações coloniais na ilha de Santo Domingo tendeu a diminuir na década de 1760 com a assinatura do Terceiro Pacto das Famílias entre as coroas espanhola e francesa e a subsequente entrada da Espanha na Guerra dos Sete Anos. Voltava-se a uma situação similar àquela definida pela Paz de Utrecht no início do século XVIII, uma vez que o sobredito pacto tinha como objetivo fundamental proteger os interesses econômicos da Espanha e França nas Américas ameaçados pela Inglaterra. Uma das consequências diretas do Terceiro Pacto das Famílias foi a retomada da política de boa vizinhança que levou, em 1762, ao estabelecimento entre as autoridades de ambas colônias de um novo acordo de mutua ajuda que, entretanto, teve curta duração, já que a guerra terminou no ano seguinte¹⁴.

Apesar de ter minimizado as disputas fronteiriças, o acordo de 1762 não solucionou o problema dos limites territoriais. Somente a partir da década de 1770, é que teve início uma série de negociações que tratou com maior cuidado tal questão. Em fevereiro de 1772, um acordo provisório assinado entre as duas colônias determinava que se em dez meses as metrópoles não se manifestassem os franceses que haviam avançado sobre território espanhol deveriam abandoná-lo¹⁵. Uma resposta não tardou a chegar, e em abril daquele ano as coroas espanhola e francesa, enfim, se decidiram por definir os territórios de suas respectivas colônias na ilha de Santo Domingo¹⁶.

Os franceses, no entender de Carlos Esteban Deive, seriam os maiores interessados no estabelecimento da fronteira entre as duas colônias, pois, ao contrário das acusações feitas pelos espanhóis, eles não pretendiam apoderar-se de toda a ilha, desejavam sim garantir, por meio de um tratado de limites, suas possessões, assegurando, desse modo, o intercâmbio comercial entre as duas colônias e a restituição dos escravos fugitivos¹⁷. Esse interesse, no entanto, não impediu que Versailles

¹⁴ DEIVE, op.cit., p.169-170.

¹⁵ Carta del gobernador de Santo Domingo remitiendo a la Corte el acuerdo provisional firmado con los franceses el 25 de febrero de aquel mismo año. Santo Domingo, 10 de marzo de 1772. AGI - Santo Domingo 1018 apud SOLER, Maria Rosário Sevilla. *Santo Domingo tierra de frontera...*, p.362.

¹⁶ Real Orden dirigida al gobernador de Santo Domingo, previniéndole que llegara a un acuerdo definitivo de limite entre las dos colonias con las autoridades de la parte francesa. Madrid, 19 de abril de 1772. AGI - Santo Domingo 1018 apud SOLER, Maria Rosário Sevilla. *Santo Domingo tierra de frontera...*, p.362.

¹⁷ DEIVE, op.cit., p.169 e 191.

desaprovasse o acordo provisório estabelecido entre os governadores de ambas as colônias em 1773, além de não ter impedido os avanços franceses sobre a parte oriental da ilha. Em resposta ao desinteresse francês nas negociações e a contínua usurpação de seu território a administração colonial espanhola não somente passou a deter em seu poder todos os escravos que fugiam da colônia francesa, como também determinou o fim do comércio de gado¹⁸.

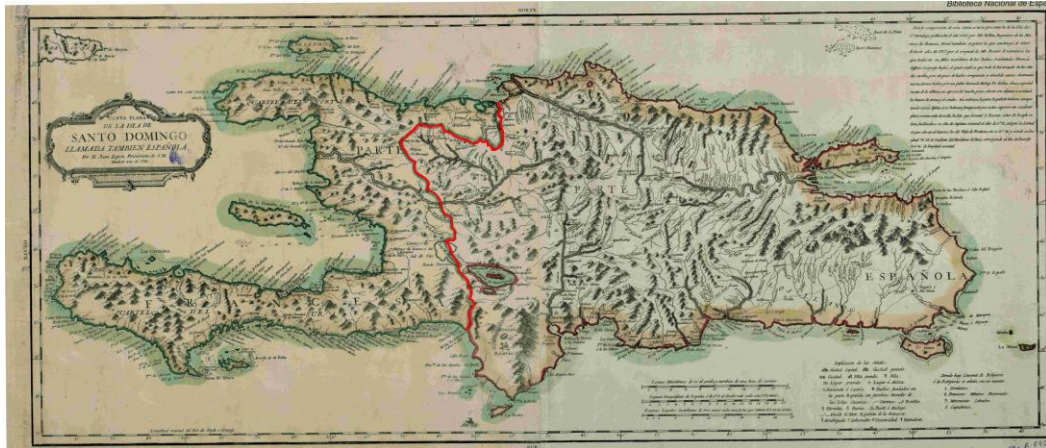
A posição radical do governo colonial espanhol surtiu efeito. Em novembro de 1775, um novo acordo provisório foi firmado, no qual ficava estabelecido: a devolução dos territórios ocupados pelos franceses após 1772; o envio para sua respectiva colônia dos escravos fugidos, desertores e todos os demais delinquentes; e, por fim, a suspensão da proibição do comércio de gado¹⁹. Julgando este acordo como sendo um tanto quanto impreciso as coroas espanhola e francesa ordenaram aos seus representantes na Ilha de Santo Domingo que trabalhassem mais detidamente sobre o caso.

Em 1776, os governadores de Santo Domingo e Saint Domingue nomearam uma comissão franco-espanhola para delimitar com marcos os limites definitivos dos territórios espanhol e francês na Ilha de Española. Findo o trabalho da dita comissão, os governantes assinaram, em 28 de agosto do mesmo ano, um novo acordo fronteiriço que seria ratificado pelo Tratado de Limites firmado na vila madrilenha de Aranjuez em 3 de junho de 1777. Segundo o artigo primeiro deste tratado, “quedarán por limites perpétuos é invariables entre las dos naciones la boca del rio Daxabón ó de Massacre por la parte Norte de la citada isla [isla de Santo Domingo]; y por la del Sur la boca del rio Pedernales ó des Anses á Pitre”²⁰. Como mostra mapa de limites feito por Juan Lopez em 1784.

¹⁸ SOLER, Maria Rosário Sevilla. “Santo Domingo, Frontera Franco-Española: Consecuencias de la Presencia Francesa en la Isla Española”..., p.169.

¹⁹ Carta del gobernador de Santo Domingo remitiendo a la Corte el acuerdo provisional firmado con los franceses el 12 de noviembre de aquel mismo año. Santo Domingo, 25 de noviembre de 1775. AGI - Santo Domingo 1019 apud SOLER, Maria Rosário Sevilla. *Santo Domingo tierra de frontera...*, p.366.

²⁰ “Tratado de limites en la isla de Santo Domingo entre los reyes de Espana y Francia, firmado en Aranjuez el 3 de junio de 1777”. In CANTILLO, Alejandro del (org.). *Tratados, convenios y declaraciones de paz y de comercio que han hecho con las potencias extranjeras los monarcas españoles de la Casa de Borbon...*, p.526-534.



Ju

Biblioteca Digital Hispánica [Tracejado em vermelho nosso]

urlos

III da Espanha, e o marquês de Ossun, representante de Luis XVI da França, assinaram também o Tratado de Polícia e Boa Vizinhança que regulamentava vários aspectos do relacionamento entre os habitantes dos dois lados da ilha. Em seus artigos, esse tratado expunha os demais problemas que, direta ou indiretamente ligados à questão da fronteira, perturbavam as duas colônias, dentre o quais: o comércio ilegal de gado; o elevado número de desertores, escravos e delinquentes que buscavam refúgio na colônia vizinha; e a *cimarronaje*²¹.

O destaque dado, no artigo sétimo do Tratado de Polícia e Boa Vizinhança à necessidade de sujeitar os negros *cimarrones*²² para por fim ao prejuízo causado por

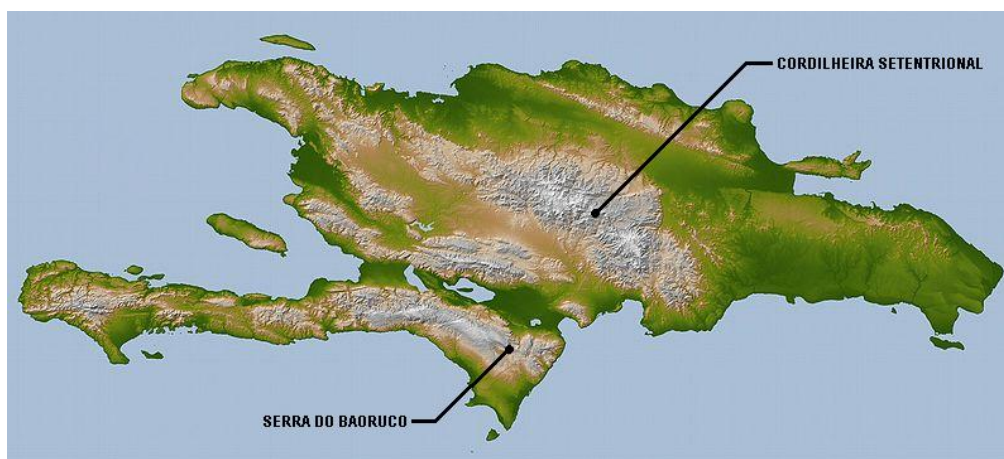
²¹ “Tratado entre los reyes de Espana y Francia sobre varios puntos de policia y buena vecindad entre los respectivos súbditos habitantes en la isla de Santo Domingo, firmado en Aranjuez el 3 de junio de 1777”. In: CANTILLO, Alejandro del (org.). *Tratados, convenios y declaraciones de paz y de comercio que han hecho con las potencias extranjeras los monarcas españoles de la Casa de Borbon...*, p.534-537.

²² O termo *cimarrón* foi utilizado em toda a América hispânica para designar o escravo índio ou negro que, individual ou coletivamente, rebelou-se contra o estado de servidão e opressão ao qual foi submetido. Analisando o significado do termo vemos que se trata de um americanismo utilizado para referir-se a índios, negros e animais fugidos, e neste sentido *cimarrón* equivale a selvagem. Segundo o filólogo espanhol Juan Corominas em seu *Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana*, a palavra provavelmente deriva de *cima* (em português topo ou cume), uma referência aos topos dos montes onde os *cimarrones* se refugiavam. Derivam do vocábulo espanhol *cimarrón* seus equivalentes na língua inglesa *maroon* e na língua francesa *marron*, já na América portuguesa os *cimarrones* eram conhecidos como quilombolas, calhambolas ou mocambeiros. As autoridades coloniais denominavam todos os negros fugitivos e rebeldes do mesmo modo, sem estabelecer diferenças entre a fuga temporária, geralmente individual, conhecida como *pequeña cimarronaje* ou *petit marronage* e a fuga permanente, geralmente coletiva, conhecida como *gran cimarronaje* ou *grand marronage* que deu origem às comunidades de fugitivos estabelecidas em áreas distantes do controle colonial chamadas na América espanhola de *cumbes*, *palenques* e *manieles*, e na América portuguesa de quilombos e mocambos. PRICE, Richard (ed.). *Maroon societies...*, p.1-30; DEIVE, Carlos Esteban. op.cit., p.11-14; REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio...*, p.9-10; GUILLOT, Carlos Frederico. *Negros rebeldes y negros cimarrones...*, p.38-57.

estes aos colonos das duas nações, chama a atenção para este que “foi um fenômeno endêmico durante os três ou quatro séculos que durou o sistema escravista nas Américas”²³. Não nos interessa aqui, contudo, discutir a *cimarronaje* na ilha de Santo Domingo, mas apenas reconstituir o processo de formação do território *cimarrón* na Serra do Baoruco que se deu em paralelo às disputas fronteiriças entre espanhóis e franceses.

Processo de constituição da Serra do Baoruco como fronteira *cimarrón*

A ilha de Santo Domingo é, de modo geral, montanhosa e possui algumas regiões planas ao sul. Em todo o território, de noroeste ao sudeste, se ergue a Cordilheira Central, conhecida ao norte como Cordilheira Setentrional e a sudoeste como Serra do Baoruco ou Bahoruco.



Região de clima ameno e terras férteis bem servidas de águas²⁴, as montanhas do Maniel²⁵, foram durante todo o período que subsistiu a escravidão na ilha de Santo Domingo o refúgio ideal dos *cimarrones*. Entre montes escarpados e abismos profundos cobertos de densa vegetação os escravos foragidos construíram suas comunidades longe do alcance das autoridades coloniais²⁶.

²³ LIENHARD, Martín. *Desidentes, rebeldes, insurgentes...*, p.84. [Tradução nossa].

²⁴ MOREAU DE SAINT-MÉRY, M.L.E. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l'isle Saint-Domingue...*, v.1, p.79-84.

²⁵ Denominação dada a Serra do Baoruco por Moreau de Saint-Méry em sua descrição da parte espanhola da ilha de Santo Domingo.

²⁶ Richard Price observa que, para ser viável, a comunidade *maroon* tinha que ser quase inacessível e,

Os primeiros *cimarrones* estabelecidos na Serra do Baoruco que se tem notícia foram àqueles liderados pelo cacique Enriquillo ou Enrique que em 1519 rebelou-se contra os maus tratos e injustiças cometidos pelos espanhóis. O grupo formado por índios e africanos atacou todos os povoados próximos às montanhas do Maniel espalhando o pânico com uma onda de roubos e mortes que levou as autoridades coloniais a permanecer em estado de guerra por cerca de treze anos. Diversas expedições ao Baoruco foram organizadas com o objetivo de capturar Enriquillo e seus homens, mas nenhuma teve sucesso. A guerra, chegou ao fim somente em 1532 quando o capitão Francisco de Barrionuevo, representante da coroa enviado para pôr fim à revolta de Enriquillo, conseguiu, após longas negociações, estabelecer a paz com o cacique²⁷.

Na segunda metade do século XVI, a medida em que a demanda por mão de obra crescia com a intensificação da exploração do ouro e da produção de açúcar, as relações sociais entre senhores e escravos se tornaram cada vez mais tensas elevando significativamente o número de fugas. Neste período, segundo o viajante italiano Benzoni, a quantidade de *cimarrones* da ilha de Santo Domingo atingia a cifra de 7.000 negros, os quais o governo buscava incansavelmente apresar. O antigo refúgio do cacique Enriquillo abrigava então um *maniel* que, nos cálculos do ouvidor e juiz de residência Alonso López de Cerrano, era formado de 200 a 300 indivíduos. Por essa época, o Baoruco foi também refúgio dos caudilhos *cimarrones*, dentre eles Diego de Guzmán e Diego de Ocampo, que com seus grupos causaram grandes transtornos às vilas no entorno da serra. A tentativa de redução dos *manieles* do Baoruco arquitetada pelo governador de Santo Domingo, Veja Portocarrero, foi a medida repressiva de maior relevância realizada na segunda metade do século XVI, porém sua eficácia foi

portanto, deveria ser estabelecida em áreas inóspitas, tais como: os pântanos isolados do sul dos Estados Unidos, os canyons profundos da Jamaica e as densas florestas das Guianas, escolhidos pelos marrons dessas distintas regiões como refúgio. Price, igualmente, chama a atenção para o fato de que esses ambientes extremos eram inóspitos não somente para as tropas de apresamento, mas também para os próprios fugitivos. E que as comunidades *maroons* bem sucedidas foram aquelas que aprenderam rapidamente a transformar as condições adversas do ambiente a seu favor garantindo sua sobrevivência. PRICE, op.cit., p.5-6.

²⁷ FERNÁNDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias...*, v.1, p.140-158.

apenas momentânea, uma vez que os escravos capturados ou mortos eram rapidamente substituídos por novos fugitivos²⁸.

No início do século XVIII, o caos em torno do processo de transferência das vilas da costa oeste e norte da ilha para áreas mais próximas da capital da colônia, como visto anteriormente, beneficiou os escravos que se aproveitaram da distração de seus donos, muitos dos quais envolvidos em protestos contra a ordem real, para ganhar a liberdade. Assim, em pouco tempo o número de *manieles* se multiplicou nas regiões recém despovoadas e na Serra do Baoruco²⁹.

Mas, foi com o estabelecimento de Saint Domingue que a *cimarronaje* em Espanhola tomou proporções jamais vistas. Preocupados em aumentar a mão de obra necessária para promover o crescimento da colônia, os franceses foram responsáveis pela introdução na ilha de um elevado número de africanos escravizados³⁰ de modo que, às vésperas da Revolução Haitiana, Saint Domingue contava com uma população escrava de 500.000 indivíduos, aproximadamente 89% da população total da colônia³¹.

Era inevitável que uma parcela desse enorme contingente escravo buscasse abrigo no lado espanhol da ilha. Igualmente óbvio:

“...es el hecho de que las autoridades españolas admitían de buena gana a los esclavos fugitivos, aunque [...] esa recepción no obedecía al mejor trato que se les dispensaba, sino a las necesidades del próprio sistema esclavista vigente entonces em la colonia, donde la escasez de mano de obra y el fin de la trata requerían valerse de aquellos para suplir tales deficiências. Por lo demás, la libertad que en ocasiones se les otorgaba no era la resultante de una política oficial de naturaleza humanitaria, sino una táctica para atraer el mayor número de esclavos posibles”³².

A disputa pelos negros fugitivos deteriorou ainda mais as relações entre Santo Domingo e Saint Domingue já abaladas pelo problema territorial. Os desentendimentos nas negociações sobre os limites fronteiriços se desdobraram em contendas insolúveis à

²⁸ DEIVE, op.cit., p.43-67.

²⁹ Id., ibid., p.63.

³⁰ Segundo estimativas do Trans-Atlantic Slave Trade Database, entre 1676 e 1790, os franceses importaram legalmente 731.818 africanos escravizados.

³¹ McCLELLAN III, op.cit.,p.48-49.

³² DEIVE, op.cit., p.134.

cerca da devolução dos escravos foragidos. De um modo geral, as autoridades espanholas e francesas discordavam em muitos aspectos concernentes ao relacionamento entre as duas colônias, porém elas concordavam em um ponto: as comunidades *cimarronas*, sobretudo aquelas do Baoruco, que transtornavam a vida dos colonos da ilha deveriam ser destruídas, como expresso no artigo sétimo do Tratado de Polícia e Boa Vizinhança, visto anteriormente.

A partir de 1715, os governadores de ambas colônias organizaram várias expedições contra os *manieles* do Baoruco. Em outubro deste ano espanhóis e franceses planejaram destruir os *cimarrones* do Cabo Beata, extremo sul da Serra do Baoruco, mas o ataque não teve sucesso porque o governador espanhol, Fernando de Constanzo y Ramírez, não cumpriu a promessa de enviar 80 homens para o embate. Em 1717, os franceses marcharam mais uma vez contra o Cabo Beata sob o comando do M. Dubois e novamente não foram bem-sucedidos. Dois anos depois, foi realizada uma expedição contra os *manieles* do Baoruco e Neiba³³ que resultou na prisão do chefe *cimarrón* Miguel ou Michel. Em 1728, M. Charles Baudouin, comandante da milícia de Jacmel, vila francesa próxima do sopé da serra, se lançou contra a região do Baoruco e Neiba conseguindo fazer 46 prisioneiros. Enquanto os colonos atacavam os *manieles*, *cimarrones* desciam a serra e invadiam os lugares indefesos nas cercanias das montanhas para roubar mercadorias, armas e mulheres. Durante a década de 1740, os negros atacaram as localidades francesas de Mirabelais, Cul de Sac e Jacmel, além das vilas espanholas pertencentes às comarcas de Azua, San Juan, Bánica e Barahona. Em resposta às incursões dos *cimarrones* a repressão colonial se intensificou. Em 1740, o chefe da *maréchaussée*³⁴ de Cul-de-Sac, M. Marillet, liderou um grupo que matou 7 negros e aprisionou outros 14. Seis anos depois, os colonos de Jacmel mataram vários *cimarrones*. M. Baudouin Desmarrattes, genro do comandante da milícia de Jacmel, conseguiu capturar 12 *cimarrones*, em 1757. Uma nova expedição foi organizada em dezembro de 1761, muitos negros foram mortos e outros feitos prisioneiros apesar de terem resistido ferozmente. Em 1768, o governador de Santo Domingo, Manuel de

³³ Baoruco e Neiba era uma região na Serra do Baoruco, relativamente próxima da vila de Neiba, onde se concentravam algumas comunidades *cimarronas*.

³⁴ Corpo de guarda francês criado especialmente para perseguir os escravos fugidos e os *cimarrones*. Corporação construída a imagem e semelhança daquela que existiu na França antes do surgimento da *gendarmérie*, organização policial organizada militarmente. DEIVE, Carlos Esteban. *Los guerrilleros negros*, p.137.

Azlor y Urríes, realizou uma das últimas tentativas de destruir o *maniel* de Neiba. Oito anos após o fracasso de Azlor, o novo governador espanhol, José Solano y Bote, participou, ainda que parcialmente, de outra expedição contra o *maniel* de Neiba organizada pelo governador francês M. D'Ennery e comandada por M. Saint-Vilmé, um oficial da vila de Mirabelais. O grupo atacou o *maniel* em janeiro de 1777, mas os negros fugiram para a floresta onde não puderam ser seguidos pelos soldados. Segundo Carlos Esteban Deive, nenhuma outra incursão ao Baoruco digna de menção aconteceu nos anos seguintes às frustradas expedições de Azlor e D'Ennery, apesar das investidas dos *cimarrones* às vilas nas redondezas da Serra do Baoruco terem continuado a ocorrer³⁵.

Essas tentativas frustradas de tomar as montanhas do Maniel e eliminar os negros fugitivos que nelas habitavam demonstram, em nosso entender, que, para além de fronteira natural e marco da fronteira política entre Santo Domingo e Saint Domingue, o Baoruco se converteu em uma *frontera cimarrón*³⁶, ou seja, um território controlado pelos *cimarrones* inacessível às autoridades coloniais. Mas esta é ainda uma das hipóteses que pretendemos verificar em nossa pesquisa.

Considerações finais

A breve análise do estabelecimento das fronteiras na ilha de Española apresentada nesse texto resulta dos nossos primeiros esforços para entender o complicado relacionamento entre as colônias de Santo Domingo e Saint Domingue. Base desta relação, a constituição dos territórios espanhol e francês se mostra como sendo de fundamental importância para a compreensão de como os *cimarrones* se

³⁵ MOREAU DE SAINT-MÉRY, M.L.E. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'isle Saint-Domingue...*, v.2, p.497-499; DEIVE, Carlos Esteban. *Los cimarrones del maniel de Neiba...*, p.6-17; DEIVE, Carlos Esteban. *Los guerrilleros negros...*, p.195.

³⁶ Alistair Hennessy, em *The frontier in Latin American History*, utiliza o termo *maroon frontier* ao descrever os lugares ocupados por algumas comunidades *maroons* nas Américas. Segundo este autor, tais comunidades eram por definição sociedades de fronteira no interior das quais os negros construíam espaços de resistência. Hennessy, entretanto, não chega a desenvolver o conceito de *maroon frontier*. O grupo de pesquisa Construcción de Fronteras en los Mundos Ibéricos (Siglos XV-XIX) da Escuela de Estudios Hispano-Americanos, vem discutindo, entre outros, a idéia de *frontera de negros*, porém ainda não tivemos acesso aos trabalhos desenvolvidos até o momento.

apropriaram dos espaços na ilha, sobretudo na Serra do Baoruco, para construir e manter suas comunidades.

Bibliografia

CANTILLO, Alejandro del (org.). *Tratados, convenios y declaraciones de paz y de comercio que han hecho con las potencias extranjeras los monarcas españoles de la Casa de Borbon: Desde el año de 1700 hasta el día*. Madrid: Imprenta de Alegria y Charlain, 1843.

DEIVE, Carlos Esteban. *Los guerrilleros negros: Escravos fugitivos y cimarrones en Santo Domingo*. Santo Domingo: Fundación Cultural Dominicana, 1989.

_____. *Los cimarrones del maniel de Neiba: Historia y Etnografía*. Santo Domingo: Banco Central da República Dominicana, 1985.

FERNÁNDEZ DE OVIEDO Y VALDÉS, Gonzalo. *Historia general y natural de las Indias: Islas y tierra firme del mar Océano*. Madrid: Imprenta de la Real Academia de la Historia, 1851, 4v.

GUILLOT, Carlos Frederico. *Negros rebeldes y negros cimarrones: Perfil afroamericano en la historia del Nuovo Mundo durante el siglo XVI*. Buenos Aires: Farina Editores, [s.d.].

HENNESSY, Alistair. *The frontier in Latin American History*. London: Edward Arnold, 1978.

HERNÁNDEZ GONZÁLEZ, Manuel. *La colonización de la frontera dominicana (1680-1795)*. Santa Cruz de Tenerife: Ediciones Idea, 2005.

LIENHARD, Martín. *Desidentes, rebeldes, insurgentes: resistencia indígena y negra en América Latina ensayos de historia testimonial*. Madrid / Frankfurt: Iberoamericana / Vervuert, 2008.

McCLELLAN III, James E. *Colonial and science: Saint Domingue in the old regime*. Baltimore / London: Johns Hopkins University Press, 1992.

MOREAU DE SAINT-MÉRY, M.L.E. *Description topographique, physique, civile, politique et historique de la partie française de l'isle Saint-Domingue: Avec des observations générales sur sa population, sur le caractère & les moeurs de ses divers habitans, sur son climat, sa cultures, ses productions, son administration, &c., &c.* Philadelphie: Et s' y trouve chez l'auteur, au coin de Front & de Callow-Hill Streets..., 1797-1798, 2v.

_____. *Description topographique et politique de la partie espagnole de l'isle Saint-Domingue: Avec des observations générales sur le climat, la population, les productions, le caractère & les moeurs des habitans de cette colonie, & un tableau raisonné des différentes parties de son administration*. Philadelphie: Imprimé & se trouve chez l'auteur, imprimeur-libraire au coin de Font & de Walnut Streets, 1796, 2v.

PRICE, Richard (ed.). *Maroon societies: Rebel slaves communities in the Americas*. Baltimore / London: The Johns Hopkins University Press, 1979.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos (orgs.). *Liberdade por um fio: História dos quilombos no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

SOLER, Maria Rosário Sevilla. “Santo Domingo, Frontera Franco-Española: Consecuencias de la Presencia Francesa en la Isla Española”, *Revista de Indias*, Madrid, anexo 4, 1990.

_____. *Santo Domingo tierra de frontera (1750-1800)*. Sevilla: Escuela de Estudios Hispano-Americanos / CSIC, 1980.

Sites

Biblioteca Digital Hispánica -

<http://www.bne.es/es/Catalogos/BibliotecaDigital/index.html>

Escuela de Estudios Hispano-Americanos - <http://www.eeha.csic.es/>

Trans-Atlantic Slave Trade Database - <http://www.slavevoyages.org/tast/index.faces>